

PERCEPÇÕES DE PSICÓLOGOS SOBRE A ASSISTÊNCIA AOS
HOMENS COM CÂNCER

P0 - 71

*Alberto Mesaque Martins, Andréa Pereira Gazzinelli, Suellen Santos Lima de Almeida,
Virgínia Torres Schall, Celina Maria Modena*

Belo Horizonte, Laboratório de Educação em Saúde e Ambiente (LAESA) –
Centro de Pesquisas René Rachou (CPqRR) – Fundação Oswaldo Cruz – MG (CNPq/FAPEMIG)

Apesar do crescente investimento em políticas públicas que visem a prevenção, detecção precoce, tratamento e controle do câncer, esta enfermidade ainda configura-se como um importante problema de saúde coletiva. Estudos apontam para o aumento da incidência e letalidade do câncer entre o público masculino, revelando uma maior vulnerabilidade dos homens a esta enfermidade (GLOBOCAN, 2008). O processo de socialização e construção da identidade masculina vem sendo apontado como um importante elemento para compreensão desta realidade. Somam-se ainda as dificuldades recorrentes da organização e rotina dos serviços de saúde, marcadas por ações que priorizam o público materno-infantil, abrindo pouco espaço para expressão e reflexão de questões referentes às masculinidades e, reforçando o sentimento de não-pertencimento dos homens a estes espaços (FIGUEIREDO, 2005). Ao analisar a produção bibliográfica, no que se refere à atenção oncológica, percebe-se uma ênfase destes estudos ao cuidado da mulher, em detrimento de estudos que tragam em sua centralidade a figura do homem com câncer. Na perspectiva pesquisa descritiva e exploratória (Piovesan & Temporini, 1995) e, ancorado nos referenciais de Gênero em Saúde (SCOTT, 1995; GOMES, 2008) este estudo teve como objetivo identificar as percepções de psicólogos sobre a assistência ao público masculino no contexto da oncologia. Foi construído um questionário estruturado, composto de 41 questões, alicerçado no perfil dos entrevistados; formação e atuação profissional; práticas desenvolvidas e concepções acerca da atenção na perspectiva de gênero. Os questionários foram aplicados durante o XI Congresso Brasileiro de Psico-Oncologia e IV Encontro Internacional de Cuidados Paliativos, na cidade do Rio de Janeiro – RJ, em 2010. Participaram do estudo 113 psicólogos, em sua maioria mulheres (91,1%) que atuam em todas as regiões do país. Enquanto 32% alegaram realizar atividades específicas para as mulheres, apenas 8% afirmaram realizar algum tipo de ação voltada para o público masculino. Os entrevistados apresentaram como justificativa a falta de tempo (28%); carência de profissionais (28%), ausência de espaço físico apropriado (27%) e a necessidade de capacitação (24%). Chama a atenção o fato de que 55% dos entrevistados alegaram não perceber a necessidade de atendimento e/ou demandas específicas do público masculino. Os psicólogos apontaram para singularidades no atendimento dos homens (49%) marcadas por dificuldades na construção de vínculo, maior resistência e menor adesão às atividades ofertadas. Nesse sentido 69% alegaram que os homens não aderem ou aderem com dificuldades às atividades dos serviços de Psicologia e, da mesma forma, 64% apresentam dificuldades de adesão ao tratamento oncológico. Dos entrevistados, 13% afirmaram não se sentir preparados para trabalhar com o público masculino e 61% apontaram para a necessidade de capacitação específica para subsidiar os trabalhos com os homens. Os dados apontam para a incipiência de ações voltadas para o público masculino nos serviços de oncologia, revelando a necessidade da inclusão da temática de gênero, sobretudo das masculinidades, nestes espaços. A construção de espaços reflexivos nos serviços de saúde poderá favorecer o desenvolvimento de ações voltadas para os homens com câncer, na perspectiva da equidade e integralidade em saúde, em conformidade com os princípios do SUS. Financiado pela FAPEMIG.

Palavras-chave: Câncer; Gênero; Saúde do Homem.

Emails: mesaque@cpqrr.fiocruz.br ou albertomesaque@yahoo.com.br